

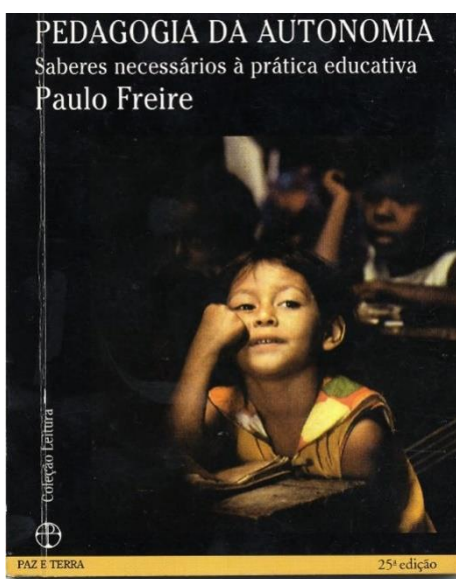
RESENHA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Rafael Aparecido Gonçalves Xavier

Licenciado em Geografia e Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

rafaelgx.nutri@gmail.com



Paulo Freire inicia seu livro declarando sua aversão ao neoliberalismo e sua influência na sociedade, tornando-a desigual e excludente. Critica ainda a malvadez transvestida de ética que o mercado adota para o seu próprio benefício.

No primeiro capítulo, defende sua posição de que, o sujeito, ao passo que ensina, aprende. Ensinar e aprender são atos indissociáveis em que um inexistente sem o outro.

Em cada capítulo, o autor cria nove subtópicos para discutir a ideia geral. Referente ao

capítulo 1, os tópicos são:

Ensinar exige rigorosidade metódica: O docente necessita ensinar aquilo que vive, o que lhe é próximo e próximo dos estudantes para que se tenha uma visão crítica acerca do objeto/fenômeno estudado.

Ensinar exige pesquisa: Novamente são duas ações indissociáveis. Para ensinar, é necessário pesquisa, busca, indagações. Já a pesquisa serve para comprovar, constatar, indagar o que está sendo ensinado, gerando, portanto, o aprendizado.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos: Freire reforça a ideia de que os saberes ensinados devem ter relação com a vida dos estudantes, fazendo com que esses educandos tenham uma visão crítica da sociedade em que vivem.

Ensinar exige criticidade: Defende a ideia de superação em contraponto à ruptura, da curiosidade ingênua. A curiosidade é essencial, pois é ela que move a criatividade.

| Rafael Aparecido Gonçalves Xavier |

Ensinar exige estética e ética: Defende que, a experiência educativa não pode ser meramente técnica, deve aprofundar-se no seu caráter formador, observando e respeitando a natureza do educando.

Ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo: O professor ensina, também, pelo exemplo. De nada adianta dizer-se crítico e ao mesmo tempo exigir passividade dos estudantes.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição à discriminação: Necessita-se que um professor exerça a democracia de fato, não segregando ou discriminando pessoas, devido suas particularidades características. Deve-se, no entanto, dialogar com os estudantes, interagir e discutir, e não polemizando.

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática: O professor deve possuir uma postura de constante autoavaliação crítica, buscando melhorar aula a aula. A raiva que surge de alguns momentos, a respeito de alguns assuntos, se for bem direcionada, pode ser construtiva, contudo, deve-se tomar o devido cuidado para que não se transforme em odiosidade.

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural: Corresponde à atitude do professor frente, tanto a assuntos polêmicos quanto ao comportamento dos estudantes. Debate também a influência do espaço vivido no cotidiano para a formação do caráter dos estudantes.

No segundo capítulo, o autor chama a atenção novamente para o exemplo que os professores devem dar aos seus estudantes (de uma construção conjunta e crítica do conhecimento, sem pré-conceitos e estigmas impostos socialmente). Novamente, nove subtítulos dividem a ideia no capítulo dois. São eles:

Ensinar exige consciência do inacabamento: Atribui, nesta parte, o fato de que o ser humano evoluiu, tomando, cada um, uma verdade para si. Seus valores, no entanto, devem estar abertos a novas experimentações, conhecendo, assim, o mundo do outro.

Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado: Explica a diferença entre ser condicionado (ter consciência do inacabado e ir além) e ser determinado. Ser condicionado, não quer dizer seguir sempre “certo”, pois, por vezes, há de se sair do caminho da decência. Ser condicionado diz respeito a voltar ao caminho certo.

Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educado: Refere-se, novamente, ao respeito à individualidade comportamental, na aparência, na cultura, no gênero, entre outras características que se apresentem no estudante, por parte do professor.

Ensinar exige bom senso: Discute a diferença entre a autoridade exigida para o professor e o autoritarismo. Para dosar a medida certa do exercício de autoridade, leva-se em conta o bom senso.

| Rafael Aparecido Gonçalves Xavier |

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores: Crítica o tratamento desrespeitoso com o professor no Brasil, bem como o comodismo de parte dos docentes frente a isso.

Ensinar exige apreensão da realidade: O professor deve ter clareza, além de defender o seu posicionamento quanto a assuntos que ensina, tendo, conseqüentemente, segurança daquilo que está falando, demonstrando, ensinando.

Ensinar exige alegria e esperança: O futuro deve ser problematizado por meio da esperança.

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível: Intervir na realidade imposta é possível. Por meio das aulas, estudante e professor devem indagar-se os motivos de estudar tal assunto, como um objetivo a levá-los a pensar como mudar tal realidade.

Ensinar exige curiosidade: A curiosidade, como já dito, não invadindo a privacidade do outro, é o elemento que leva as pessoas a pensarem. Questionamentos acerca da realidade devem ser estimulados e dialogados, nunca com uma resposta pronta por parte do professor. Deve levar o estudante a pensar.

A sabedoria docente garante autoridade ao professor, sem que necessite ser autoritário.

Os tópicos correntes do último capítulo são:

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade: A incompetência do professor, assim como sua mesquinhez, o desqualifica perante aos estudantes. Não há como cobrar respeito das instituições nas quais o docente está submetido, se não houver respeito com aqueles que estão a educar.

Ensinar exige comprometimento: Deve haver uma ponte, que ligue a prática docente, seu posicionamento perante a sala de aula e sua própria vida, suas próprias atitudes. Necessita ainda estar preparado para questionamentos que devem surgir.

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo: Cabe aqui um protesto contra as forças externas que tentam diminuir o valor humano devido ao baixo poder aquisitivo. Necessita-se que se tome uma posição e que ensine como defendê-la.

Ensinar exige liberdade e autoridade: Retoma a questão da autoridade como sendo necessária, desde que haja devida educação. Permitir uma situação que atrapalhe a aula não é educar, é ser omissivo, prejudica o funcionamento.

Ensinar exige tomada consciente de decisões: A educação é uma forma de intervir na realidade. Dessa forma, são necessárias certas posturas e tomadas de decisões pela parte docente, pois suas ações interferem no modo como os estudantes enxergam a realidade.

| Rafael Aparecido Gonçalves Xavier |

Ensinar exige saber escutar. O professor não deve ser impositivo, deve ouvir o estudante para que possa aprender a falar de forma que o estudante possa ouvir. Dialogando criticamente. As avaliações devem estimular a opinião e não serem regradamente silenciosas. O silêncio é tão importante quanto à fala, tudo depende do momento.

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica. Necessita-se que, ao ouvir um discurso ideológico, tenha intrínseco em sua percepção uma ideologia própria para traduzir aquilo que está sendo escutado. Ou seja, é preciso ouvir com criticidade.

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. A segurança do professor deve partir de não ter vergonha por não conhecer algo e, assim, poder dialogar com seus estudantes com a abertura para novos conhecimentos.

Ensinar exige querer bem aos educandos. Deve-se saber dosar o “querer bem” dos estudantes, evitando que esse sentimento sobressaia em resultados avaliativos, ou participativos do estudante. Não ser arrogante quanto ao próprio conhecimento é uma forma de tratar bem os educandos, de ser mais humano.

Interessante que, ao iniciar o livro, um assunto fica a perambular no inconsciente: como dar uma aula, dando uma abertura tão grande aos estudantes, sem que se exerça um poder controlador para que não vire uma desordem? Posteriormente, o autor explica que é necessário exercer sua autoridade docente quando necessário, porém, de modo não autoritário, ou seja, respeitando o outro. E essa autoridade, muitas vezes, provém do próprio saber docente, não precisando necessariamente se exaltar durante uma aula.

O livro casa bem às práticas docentes num parâmetro geral, que extrapola as práticas em sala de aula e adentram na vida dos docentes. Uma vertente discutida nesse sentido vem do desrespeito histórico com o professor e, dessa forma, a fala de Paulo Freire nunca foi tão atual. Em contrapartida, faz-se necessário que o professor transpore respeito aos estudantes para exigir respeito a si próprio.

Todas as práticas são organizadas de forma a repensar o comportamento frente aos/às estudantes, mostrando-lhes o respeito que merecem, sabendo ouvir, não discriminando qualquer característica que lhes seja particular, mas ao mesmo tempo tendo que possuir uma postura de autoridade, de quem domina o conteúdo apresentado, para que não precise verbalizar tal “autoridade de conhecimento”.

Embora por vezes prolixo, o livro é bem completo e Paulo Freire, como nome primeiro a se pensar no quesito educação no Brasil, sabe como prender o leitor para práticas importantes a serem pensadas e repensadas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Recebido para avaliação em 19/12/2018

Aceito para publicação em 29/04/2019